

METROPOLE

SSA-BA



Sede por modernizar

Em um novo roteiro pelas ruas de Salvador, Jornal Metropole lista equivocadas obras de requalificação que trouxeram prejuízos à história e identidade da cidade. Págs. 2 e 3

WWW.METRO1.COM.BR



Em entrevista à Metropole, sociólogo elenca pontos essenciais para um novo modelo de combate ao crime. Pág. 4



Festa que inventou o Pelô e levou a fama do Olodum ao mundo, Terça da Bênção completa 40 anos. Pág.10



Jornal Metropole traz história de figuras que saíram do brilho da vida política para um cargo de assessor. Pág 11

Reformar a qualquer custo

Seguindo política da entrega de obras, poderes públicos focam em revitalizações que têm pouco compromisso com a história e funcionalidade dos espaços para a cidade



Fotos **Luiz Filipe**

Texto **Mariana Bamberg**

mariana.bamberg@radiometropole.com.br

A palavra é bonita e parece estar na moda. Revitalização. Qual o gestor público ou político que não enche a boca para utilizá-la? Afinal, ela carrega a promessa de trazer vida e novidade aos espaços urbanos. Em Salvador, pegou. Não é mais reforma. Tudo é revitalização. No máximo, requalificação. O termo em alta pode até ter explicações no urbanismo e na arquitetura, mas aqui na prática ele não é tão ingênuo assim, por trás de seu uso está uma tentativa de disfarçar o desprezo pela história da cidade e a sede por modernização.

O que move essas revitalizações é a política do entregar obras - milionárias, diga-se de passagem. Quanto mais eventos de entrega, descobrindo placas e cortando faixas de inauguração, melhor. Não entenda mal, não é que reforma seja ruim. É preciso cuidar do patrimônio de Salvador. Mas quando ela é feita a toque de caixa, comandada por instituições e gestores que pouco conhecem ou respeitam a história, a vida e a dinâmica da cidade, o resultado é um prejuízo à identidade soteropolitana, à essência do espaço e à funcionalidade para a população.

O Elevador Lacerda, maior símbolo da cidade, é um dos equipamentos que está na iminência de passar por isso. Ele é alvo de um chamado "projeto de requalificação" da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF). O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) precisou até vetar a instalação de uma vista panorâmica. Por enquanto, pouquíssimo se sabe sobre o projeto. Mas uma das medidas será o fechamentos dos comércios que funcionam no espaço, como a Sorveteria Cubana, instalada ali há mais de 90 anos. Outras mudanças devem acontecer no elevador para dar celebridade à circulação de pessoas. É como se o principal cartão postal da cidade fosse apenas um simplório meio de transporte.

Enquanto o Elevador Lacerda segue nes-

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**
 Editor Chefe **Rodrigo Daniel Silva**

Coordenação **Mariana Bamberg**
 Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **James Martins, Kamille Martinho, Laisa Gama, Luciana Freire, Mariana Bamberg e Nardele Gomes**

Revisão **Redação**
 Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

ta iminência faremos um roteiro em outros espaços da cidade que caíram nas mãos desses projetos de requalificação da gestão municipal ou estadual, e viram sua história e funcionalidade perderem espaço.

UM CRIME URBANÍSTICO

Do Elevador Lacerda, partiremos para ali perto. Aquidabã, região que liga Barroquinha e Sete Portas. O local já foi mais movimentado, é verdade. Seu terminal de ônibus, inaugurado em 1979 no governo de Roberto Santos, chegou a receber diariamente 10 mil passageiros e tinha uma estrutura arquitetônica arrojada, em forma de pétalas de metal. Hoje a realidade é outra. O espaço abriga moradores de rua, usuários de drogas e não é visto como

um local seguro. Mas o crime ali está mais para urbanístico. Um desses projetos que prometem revitalizar entregou tudo, menos vida. Os quiosques escuros, em formato de caixotes, sem nenhum comprometimento estético já eram os primeiros sinais desde a entrega em 2022. Pouco depois, as bancas fechadas e a evasão dos comerciantes se somavam aos indícios. O projeto da FMLF não incluía sequer um banheiro, a aposta mesmo era em uma quadra poliesportiva e um parque infantil. Obviamente não deu certo, o local segue abandonado após a obra de R\$ 4 milhões.

Do Aquidabã seguimos para um palacete. O Palacete das Artes, que precisou mudar de nome. “Precisou”, segundo o entendimento de um projeto - desta vez, de readequação - da Secretaria de Cultura da

Bahia (Secult). Na **Metropole**, o secretário Bruno Monteiro explicou que a intenção era mudar o conceito, trazer a juventude e a periferia para o museu, com um acervo de arte contemporânea, grafite e pista de skate - como se esse público só consumisse esse tipo de arte. A notícia, claro, pegou a todos de surpresa, porque o museu era um dos mais frequentados e, enquanto outros estavam abandonados, ele seguia bem cuidado. As mudanças aconteceram em quatro meses mesmo com questionamentos da população e o estimado Palacete passou a se chamar Museu de Arte Contemporânea da Bahia. A inauguração, assim como em todos os outros pontos deste roteiro, teve um evento pomposo com 60h de programação. Mas parou por aí.

Missão entrega de obras

Os próximos destinos - Mercado do Peixe, Mercado de Cajazeiras e Mercado de Itapuã - tiveram a infelicidade de passar por projetos de requalificação com o mesmo enredo final: sem ligação com a identidade local, sem cuidado estético, apenas com prejuízo para os comerciantes e a população. O espaço do Rio Vermelho mudou até de nome, afinal o projeto era uma espécie de gourmetização, Mercado do Peixe não combinava. O então complexo de botecos mais famoso da noite soteropolitana virou em 2016 uma mini praça de alimentação ao ar livre, com grandes lanchonetes e restaurantes, enquanto os pequenos empreendedores de antes ficaram sem espaço. Parte deles foi realocada justamente para os mercados de Cajazeiras e Itapuã, que também passaram anos em obras de requalificação da FMLF para, depois de milhões investidos, entregar um resultado que nada tem a ver com as necessidades e identidade do soteropolitano.

Penúltima parada: Concha Acústica, mais um espaço que marca a identidade de Salvador e momentos especiais na vida de quase todo soteropolitano. Ela ficou fechada por três anos para uma reforma concluída em 2016. A promessa era de mais conforto e tecnologia. Tão cobrada pelo público, a cobertura da arquibancada não veio, mas uma

mudança muito importante desde então vem sendo alvo de críticas de produtores e usuários: o preço da pauta (aluguel pago pelo artista) e conseqüentemente o valor do ingresso. O assunto tomou ainda mais corpo após as conseqüências econômicas da pandemia para o setor. A própria direção do complexo Castro Alves reconhece que os preços são caros, mas defende que isso não tem necessariamente relação com o valor da pauta. Mesmo assim, a Secult anunciou neste semestre mudanças na tabela de preço para tentar baratear o ingresso.

Prejuízo também foi o resultado da requalificação no nosso último destino: Praça Nelson Mandela, aquela que dá as boas-vindas para quem usa o Inclinado Liberdade-Calçada. O projeto era muito semelhante ao do Terminal do Aquidabã: parque infantil, quiosques que mais parecem caixotes soltos e pouca preocupação estética. Como se os dois locais, completamente diferentes, tivessem as mesmas dinâmicas e necessidades. Depois de três anos, as obras foram entregues pelo prefeito em uma espécie de agenda de entregas que incluía outras praças. Mas o resultado do equívoco já estava ali: comerciantes insatisfeitos e a perda de uma oportunidade de valorizar o patrimônio soteropolitano.



secom



rosilda cruz



Ficção no combate ao crime

Entrevistado na **Metropole**, o sociólogo Gabriel Feltran elencou pontos essenciais para um novo modelo de atuação das forças de proteção

Texto Laisa Gama e Danielle Campos
redacao@metro1.com.br

A narrativa de que existe, de um lado, um Estado forte que quer produzir segurança, enquanto do outro está a desordem do crime é uma ficção. A afirmação é forte e vem do sociólogo e pesquisador Gabriel Feltran, entrevistado no **Jornal da Bahia no Ar** nesta semana. Para o especialista, em campo, o que se vê na verdade é uma relação entre o grupo que deveria coibir o crime e os próprios criminosos.

Para contornar esse modelo vigente, o pesquisador acredita que um dos passos cruciais é a criação de um plano nacional investigativo de esclarecimento dos homicídios que ocorrem em território brasileiro. Quando há conflitos entre criminosos que se matam ou que a polícia

mata, não existe, segundo ele, nenhum tipo de investigação por parte dos estados - e do Estado.

“Dos homicídios, 67% não geram nenhum tipo de investigação, significa que são homicídios investigados pelas facções que vão fazer o tribunal do crime e reger esse homicídio. Não é com guerra que você recupera territórios que você perdeu, é investigando, mostrando que quem regula a vida e a morte ali é o Estado”, explicou.

O sistema carcerário do país é outro fator fundamental para um novo modelo. Para Feltran, é necessário evitar que ele seja uma instituição que “forma” criminosos. “[Tem que] deixar preso quem precisa estar preso, por cometer crimes violentos, e quem, de fato, foi avaliado como risco para a sociedade”, defendeu.

Mas obviamente segurança pública não é tão simples. É necessário ainda coibir a politização das Forças Armadas. “Não é à toa que tem tanto policial querendo se eleger e querendo ocupar cargos [...] Na maioria dos países civilizados do mundo, não é permitido que uma pessoa que seja de uma força armada executiva seja, ao mesmo tempo, político. Têm que ser forças controladas pelo governo e não que controlem”, afirmou.

Por fim, o sociólogo ainda destacou a necessidade de regular os mercados ilegais, para que o dinheiro seja convertido em desenvolvimento e não em violência armada. “A época da delinquência, do pequeno ladrãozinho isolado acabou. Estamos falando de crime organizado de mercados transnacionais, estamos falando de muito dinheiro”, pontuou.



João Moura/Divulgação



NOVEMBRO

**SALVADOR
CAPITAL
AFRO**

**VAMOS OCUPAR,
PROTAGONIZAR
E MOVIMENTAR.**

**MÚSICA • AFROTURISMO
CULTURA • NEGÓCIOS
DESFILES • ARTE
OFICINAS E MUITO MAIS**

A Prefeitura de Salvador convida você para uma imersão nas experiências da cidade mais negra fora de África. Celebre as raízes com um inédito calendário de eventos que vai exaltar a ancestralidade que ecoa não só nas diversas expressões culturais, artísticas e religiosas, como também e sobretudo na história e vivência da nossa população. **Novembro é Salvador.**

Confira a programação:

salvadorbahia.com/capitalafro



SALVADOR
PREFEITURA

#PraTodosVerem: Imagem vertical, com fundo em tons de marrom, além de ilustrações do Farol da Barra e de uma pessoa afrodescendente, ambos ocupando o espaço do lado direito da arte. No canto superior esquerdo, temos a marca "Novembro Salvador Capital Afro" e, abaixo desta marca, aparece o título "Vamos ocupar, protagonizar e movimentar". Embaixo do título, temos texto destacando o seguinte: "Música, Afroturismo, Cultura, Negócios, Desfiles, Arte, Oficinas e muito mais". Em seguida, vem o texto: "A Prefeitura de Salvador convida você para uma imersão nas experiências da cidade mais negra fora de África. Celebre as raízes com um inédito calendário de eventos que vai exaltar a ancestralidade que ecoa não só nas diversas expressões culturais, artísticas e religiosas, como também e sobretudo na história e vivência da nossa população. Novembro é Salvador". Complementando, temos a frase "Confira a programação: salvadorbahia.com/capitalafro". Assinando o anúncio, temos a marca oficial de turismo da cidade e a marca da Prefeitura de Salvador.

Virou a casaca

Depois de defender extinção do Tribunal de Contas do Município, Marcelo Nilo emprega esforços para conseguir uma vaga de conselheiro na Corte

Texto **Laisa Gama**

laisa.gama@metro1.com.br

Tudo bem, que atire a primeira pedra quem nunca mudou de ideia. Mas, para não faltar com a delicadeza, algumas mudanças beiram a cara de pau. O ex-deputado estadual Marcelo Nilo, por exemplo, em 2015, enquanto ocupava o cargo de presidente da Assembleia Legislativa da Bahia (AL-BA), deu início a uma campanha incisiva que visava acabar com o Tribunal de Contas do Município (TCM-BA).

Agora, foi só não conseguir uma cadeira como parlamentar na Câmara dos Deputados em 2022, que mudou de ideia. Fala abertamente que pretende disputar uma vaga no TCM. A intenção de Nilo é substituir o conselheiro Fernando Vita, que está prestes a se aposentar, em 22 de dezembro, ao completar 75 anos. O ex-deputado tem inclusive tentado o convencer de se aposentar mais cedo para facilitar seus planos.

Quando propôs acabar com o TCM, Nilo alegava que poucos estados tinham um tribunal de contas do município. Além da Bahia, apenas o Ceará, Goiás e Pará têm o órgão. Para ele, esse era motivo suficiente para acabar com a corte que tem a função de fiscalizar a gestão dos recursos públicos das prefeituras do estado. Ele dizia que queria “economizar”, mas os bastidores da época veiculavam outra motivação. A tentativa de acabar com o TCM poderia ser vista como uma “retaliação” pelo tribunal ter rejeitado as contas da prefeita de Valença, Jucélia Souza do Nascimento - que fazia parte do grupo de Nilo - referentes ao ano de 2014.

Caso a manobra proposta por Nilo vingasse, o TCM seria incorporado ao Tribunal de Contas do Estado (TCE). Para que isso pudesse acontecer, a AL-BA teria que

aprovar, com votos de 2/3 da Casa, ou seja, 42 deputados, uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC). Uma comissão chegou a ser montada para analisar a possibilidade. Entre os deputados que fizeram parte da manobra de análise, estavam Alan Sanches (PSD), Ivana Bastos (PSD), Leur Lomanto Jr. (PMDB), Tom Araújo (DEM), Nelson Leal (PSL) e Paulo Rangel (PT).

Houve toda uma mobilização. Os membros da comissão chegaram até a viajar para Minas Gerais, estado onde o TCM foi extinto. No fim das contas, nada deu certo e a comissão foi encerrada poucos meses após aberta.

Hoje, ao que parece, para o parlamentar, a necessidade de economizar gastos do Estado já não é mais tão urgente. Não apenas quer a continuidade do Tribunal, como quer fazer parte dos custos dele.

Caso a manobra proposta por Nilo vingasse, o TCM seria incorporado ao Tribunal de Contas do Estado (TCE)



Sem respostas, sem justiça

Morte de Mãe Bernadete se aproxima dos três meses sem descoberta de mandantes do crime e com inquérito ainda em fase de conclusão

Texto **Luciana Freire**

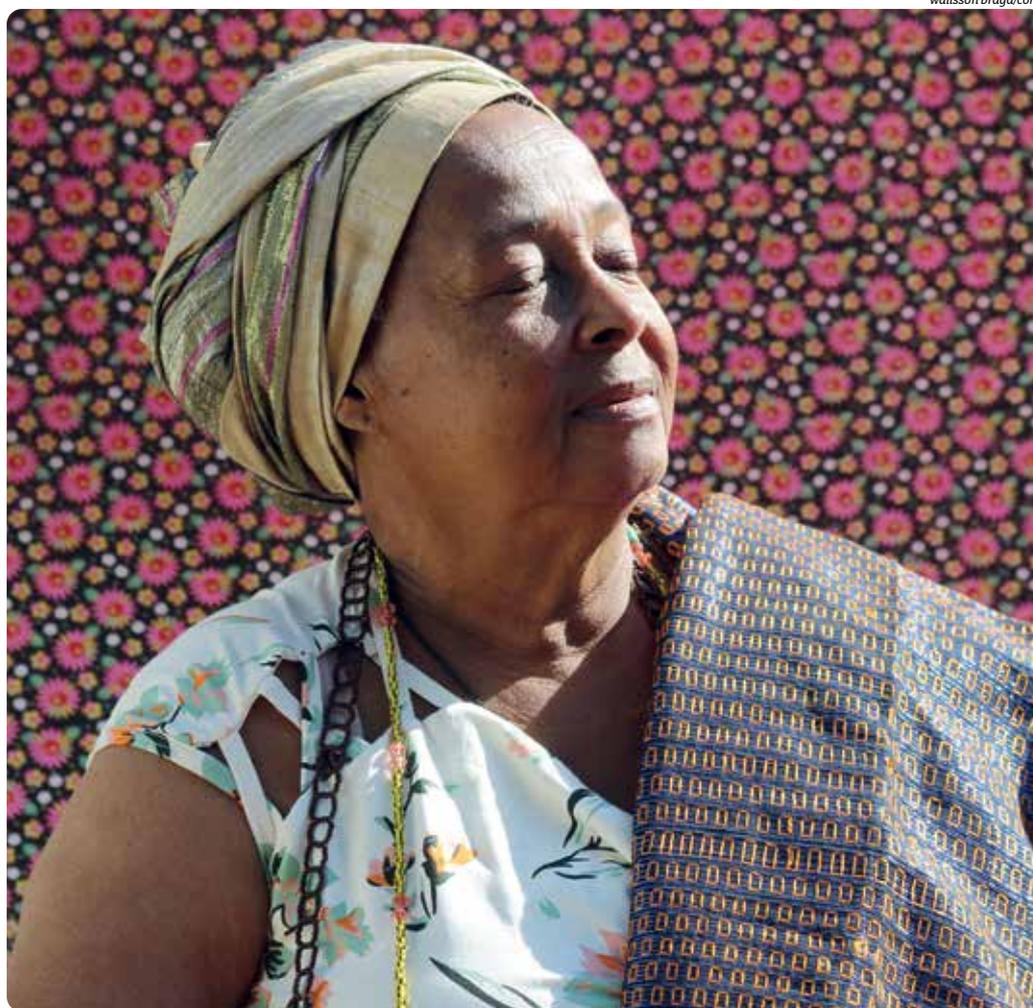
luciana.santana@metro1.com.br

Já se vão quase 80 dias desde a noite de 17 de agosto, quando a líder quilombola e ialorixá Mãe Bernadete Pacífico foi brutalmente assassinada com 22 tiros dentro da associação do Quilombo Pitanga dos Palmares, localizado em Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador. Ela era a coordenadora da Coordenação Nacional de Articulação e Quilombos e tinha uma trajetória reconhecida na luta pelo direito à terra.

Se já se passaram quase 80 dias desde o crime, já se vai mais de um mês desde que o Ministério Público permitiu a prorrogação do inquérito da Polícia Civil que investiga o caso. Na época, não foi detalhado o motivo para tal prolongamento, mas o prazo para que ele fosse concluído iria até final de outubro. Passado esse período, nenhuma atualização sobre o crime foi divulgada. Procurada pelo Jornal Metropole, a Polícia Civil informou que as investigações ainda estão em curso e detalhes não podem ser divulgados para preservar as investigações.

Além da Polícia Civil, as investigações sobre esse crime chocante estão sendo conduzidas por diversas organizações, como Polícia Federal, Conselho Nacional do Ministério Público e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Mesmo assim, até o momento, os nomes dos mandantes e a motivação por trás do assassinato permanecem desconhecidos.

As investigações exploram três possíveis linhas, conforme anunciado pelo governo do estado dias após o crime, em agosto. Essas teorias incluem questões relacionadas à luta pelo território do Quilombo Pitanga dos Palmares, à intolerância



wallsson braga/conq

religiosa e uma possível disputa entre facções na região.

No início de setembro, três homens foram presos suspeitos de envolvimento no assassinato. Cada um deles teriam desempenhado papéis distintos na ação. Um é suspeito de ser o executor do homicídio, outro de guardar as armas do crime e um terceiro de receptação dos celulares pertencentes à líder quilombola e seus familiares, que foram roubados durante o ataque.

A busca por justiça e a resolução deste caso continuam sendo uma questão crucial para todo o Brasil, que vive ainda o luto do caso Marielle Franco, há 5 anos sem resposta.

Três suspeitos de envolvimento estão presos, mas os mandantes não foram descobertos





O jornalismo policial no boteco

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Já faz um tempo que o jornalismo que cobre os bastidores do crime e da violência deu uma pisada no freio, nos veículos convencionais. Em parte forçado pela legislação e por ajustes nos controles do Judiciário, que passou a proibir determinados elementos na tela da televisão e em imagens nos veículos impressos e digitais. Entre essas mudanças, alguns exemplos foram comemorados pelo judiciário como avanços. Por parte da polícia e do público, não se tratava de avanço nenhum, mas de passada de pano conquistada pela “turma dos direitos humanos”.

A mudança já começava pela nomeação da cobertura. Nos veículos, ao invés de “página de polícia”, termo usado para descrever a cobertura de crimes, prisões e da violência em geral, a maioria dos veículos adotou a nomenclatura “segurança” ou “segurança pública”, independentemente de a notícia referir-se a tráfico de drogas, estelionato, assalto, roubo, sequestro, homicídio, feminicídio ou latrocínio. O que parecia estar avançado e era objeto de comemoração por parte de juristas, ativistas dos direitos humanos e do Ministério Público vem, recentemente, sofrendo um revés e um retrocesso inegáveis.

A busca de audiência on-line, a corrida de veículos, de blogueiros, influencers e de alguns jornalistas que são um combo deformado de tudo isso junto e misturado são o combustível para a mudança, para muito pior, do tratamento

mediático e espetacular dado aos fatos que emergem todos os dias do lodo caudaloso da criminalidade. O assassinato de uma pastora, cantora e influencer gospel de Salvador e o suicídio de um influencer com mais de um milhão de seguidores demonstraram, com esmero de detalhes sórdidos, os passos para trás dados na cobertura de temas violentos, sórdidos e chocantes. Tão violento, sórdido e chocante quanto os detalhes em torno das duas mortes foi o comportamento de muitos veículos, da audiência nas redes, de colegas de @ e de canais e páginas dedicados à cobertura da violência explícita.

MINISTÉRIO PÚBLICO E CHORUME

Não há moralismo ou dedo apontado nesta análise. É, no máximo, um rasquinho turbo de um diagnóstico que aponta para o condução, para o meio, a mensagem e o receptor. Há uma audiência ávida pela tragédia, pela barbárie e pelo suco concentrado de fluidos e secreção, das secreções sexuais às escatológicas e ao sangue alheio. Os veículos se comportam, sejam em seus perfis nas redes como tartarugas embriagadas de energético tentando acompanhar numa corrida trôpega os jornalistas independentes com seus canais e suas lives transmitindo direto das cenas mais torpes. A TV aberta tenta, em sua cobertura narrada, oca e interminável de aciden-

tes, mortes e prisões, chegar perto do que grupos de WhatsApp entregam com imediatismo, em tempo real, o que elas não podem mostrar, mas adorariam.

Na terça-feira, durante a audiência de custódia do marido da cantora gospel, acusado de mandar mata-lá e incinerar o corpo, viu-se uma amostra do que podem, fazem e são capazes os transmissores de desgraças sem cortes e sem edição. Estimulada por essa cobertura e pelo exército de @s que em nome da audiência fingem choque e comoção, uma multidão avançou sobre o acusado puxando-lhe os cabelos, numa prévia de linchamento que, mais dia menos dia, vai se concretizar, transmitido ao vivo e enchendo o cofre dos narradores que dão os detalhes da barbárie, com o patrocínio do boteco da esquina, entre um gole de uísque e um salgado sem guardanapo. O Ministério Público está vendo a descida da escada da cobertura da violência para o subsolo? O público saliva, diante do sangue e do chorume alheio.

Tão violento quanto os detalhes em torno das duas mortes foi o comportamento de muitos veículos



A conta da
Embasa chegou?

É PIX



**APONTOU,
CLICOU,
VIU OS DADOS,
CONFIRMOU?
É PIX.**

**APONTE O CELULAR
PARA O QR CODE NA
CONTA E CONFIRA
OS DADOS:**

Banco:
Citibank

Nome da Empresa:
**Empresa Baiana de Águas
e Saneamento**

A **Embasa** facilitou.
É PIX. Piscou, pagou.

embasa



A invenção do Pelô

Terça da Bênção completa 40 anos de festa. Criado pelo Projeto Cultural Cantina da Lua, o evento ficou eternamente vinculado ao Olodum e levou sua fama para o mundo

Texto James Martins
redacao@metro1.com.br

A última grande reforma do conjunto arquitetônico do Pelourinho aconteceu em 1993, no governo de Antônio Carlos Magalhães, ACM. Não por acaso, dez anos antes, mais precisamente em 28 de outubro de 1983, nascia o evento que foi um dos principais chamarizes das atenções para a localidade, para o então denominado Pelourinho Maciel, mola propulsora da revitalização: a Terça da Bênção, que na verdade nasceu como Festa da Bênção, na Cantina da Lua.

Isso mesmo. Em meio a memórias e desmemórias, nenhuma versão é tão bem documentada como a de Clarindo Silva, dono do bar e criador do Projeto Cultural Cantina da Lua, d'onde se originou a festa. Antes, porém, um pouquinho de contexto daquele período. Desde meados dos anos 1970, a região sofria descaso e abandono. "O Pelourinho era lugar aonde ninguém ia, exceto homens procurando putas baratas e doentes em casas

deterioradas. Eu ia sempre, olhar, e me achavam maluco", lembra Caetano Veloso.

Naquele período houve a transferência da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus para o Canela, o fechamento do prédio do Inkra e a tentativa de desativação do terminal de ônibus da Praça da Sé. E é na intenção de barrar esse esvaziamento que surgem a associação Revicentro e outros projetos.

Havia todo um contexto para a Terça da Bênção. O próprio Clarindo conta que já existia a bênção da Igreja de São Francisco, às terças. Só que, com o esvaziamento, enfraqueceu.

"No início, a Festa da Bênção foi totalmente desacreditada. Apesar da participação dos 11 de Ouro, não deu 100 pessoas", conta seu Clarindo, referindo-se ao grupo que juntou os sambistas: Batatinha, Riachão, Edil Pacheco, Ederaldo Gentil, Claudete Macedo, Tuninha Luna, Walmir Lima, Paulinho Camafeu, Nelson Rufino, Tião Motorista e Bob Laô.

Persistente, o agitador cultural deu prosseguimento ao evento e, quando completou um ano, veio a cartada certa. "A gente

trouxe Zezé Motta, que era a grande estrela da novela Rosa Baiana. Deu mais de 2 mil pessoas! E isso me estimulou a convidar o Olodum. Eles aceitaram de bom grado. E convidei também os Filhos de Gandhi, que só se reuniam no carnaval", diz Clarindo.

"De 83 a 91, nós fizemos 800 shows ali na praça", enumera. O processo transformou o Pelourinho em Pelô, criou essa nova instância, num processo linguístico (o mesmo que transforma o motorista em motô) cheio de ressonâncias estéticas e sócio-culturais.

Um dos frequentadores destas terças no Terreiro de Jesus, o ator Jorge Washington chama atenção para outro aspecto: "No fim dos anos 80 e início dos anos 90, todas as movimentações políticas do movimento negro, contra o 13 de maio, e outras, saíam dali da Bênção. O sistema percebeu e aí foi virando festa... Teve um dia que botaram um trio-elétrico na porta da Faculdade de Medicina. Aí eu falei, 'Th, maluco, fodeu, acabou a Bênção. O ensaio do Olodum se tornou um evento pra classe-média e desvirtuou tudo".



A vida (política) como ela é

Personagens que já levaram uma vida de destaque na política baiana hoje precisam se contentar com um trabalho sem o mesmo glamour nos bastidores da Assembleia Legislativa da Bahia

ESPECIAL



METROPOLE

Texto **Nardele Gomes**

nardele.gomes@radiometropole.com.br

Ao som estridente do despertador, Romualdo* se levanta cedo. Não tem mensagens elogiosas no seu whatsapp, nem reuniões marcadas com autoridades. A vida de deputado importante, farol das discussões, guru requisitado das decisões do seu partido, já ficou pra trás. Hoje, um dia comum na vida de Romualdo começa pelo chamado implacável da rotina. Romualdo sai da cama, veste seu terno, e se prepara para enfrentar o dia no mundo da política de baixa relevância.

Ele não mais é o centro das atenções, e sim o mero assessor de um deputado de segundo escalão. Seu café da manhã não é mais servido em hotéis, mas em sua modesta cozinha enquanto lê as manchetes políticas dos jornais, enaltecendo outros nomes, não mais o seu.

Ao chegar ao gabinete, Romualdo mergulha em um mar de documentos e

e-mails. Ele agora é encarregado das tarefas burocráticas e respostas a eleitores descontentes. Sua antiga retórica afiada agora escreve discursos enfadonhos e responde a perguntas monótonas em nome do deputado a quem agora serve.

No almoço, Romualdo vai a um restaurante simples, longe dos ambientes suntuosos de outrora. Passa a tarde em reuniões intermináveis, onde a política de segunda categoria é discutida com a empolgação de um semáforo que muda de cor. Romualdo sente falta das multidões, das viagens, das entrevistas e, quem diria, até dos puxa-sacos.

É como se a maré política tivesse levado Romualdo para a monotonia da burocracia parlamentar, onde a ação acontece principalmente nos corredores silenciosos e nas sombras.

Romualdo passou de estrela do palco político a apenas um coadjuvante nos corredores do poder, com seu antigo brilho político já esmaecido. Não nos referimos a ninguém

em especial neste texto, é claro. Afinal, esta é uma história de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou fatos reais terá sido mera coincidência. Ou não.

**Nome fictício*

Romualdo sente falta das multidões, das viagens, das entrevistas e, quem diria, até dos puxa-sacos



Templo da azulejaria brasileira vai virar estacionamento em Salvador

James Martins

“A memória é uma ilha de edição”, disse o poeta Waly Salomão. Pois, se é assim, parece que Salvador resolveu jogar tudo na lixeira, deletar a própria memória. Quem me conhece sabe que eu gosto de andar pelas ruas da cidade. E uma das coisas de que mais gosto nessas andanças é olhar para as fachadas das casas, saguões de edifícios e descobrir por ali painéis de azulejos que dizem muito de nós e já se integraram à fisionomia urbana. A maior parte deles está assinada (outra parte não está, mas nem precisa, pois são reconhecíveis pelo estilo): CERÂMICA-UDO. É a assinatura do alemão Horst Udo Enric Knoff que, em meados dos anos 1950, adotou a Bahia como sua, digamos, terra natal. As obras de Udo Knoff são referência para o mundo da azulejaria e da cerâmica, seu nome, inclusive, batiza o museu devotado ao assunto, que fica no Pelourinho, mas seu quartel-general, isto é, sua casa-atelier, donde saíram os azulejos para o mundo inteiro, inclusive aqueles belíssimos da casa de Jorge Amado, no Rio Vermelho, fica em Brotas, identificada por um inconfundível muro.

Pois bem, esta semana, passando pela avenida Dom João VI, dei uma olhadinha de leve na direção de lá, já me pre-

parando para o desgosto, pois o muro está muito insensivelmente coberto por cartazes de propaganda política passada, quando tomei um susto muito maior do que meu coração achava suportar: a casa caiu! Ou melhor, derrubaram! Passem, mas é isso mesmo, a casa onde Udo Knoff trabalhou por décadas para enriquecer nossa experiência cidadina, onde ficavam seus fornos e peças raras colocadas nas paredes, como um catálogo pessoal, foi posta abaixo para dar lugar a um estacionamento. Eu riria, se não estivesse chorando. O que se diz é que os herdeiros não estão nem aí nem estão chegando para o legado do homem. E como nós definitivamente somos uma geração que não está à altura da cultura que nos forma (basta ver a forma parca e porca que celebramos os 200 anos do 2 de Julho), era quase inevitável que fosse assim.

De qualquer forma, pedi socorro onde ainda valorizam a Bahia. Ou seja, fora daqui. Acionei a pesquisadora mineira Eliana Mello, que fez contato com a diretora do Museu Udo Knoff, que convocou Pola Ribeiro e nem tudo está perdido. Não deu tempo. Na próxima tentativa, talvez a nova Bahia consiga arrancar um a um os azulejos das paredes e instalar leds de luz branca no lugar.

As obras de Udo Knoff são referência para o mundo da azulejaria, seu nome, inclusive, batiza o museu devotado ao assunto, no Pelourinho

A casa onde Udo Knoff trabalhou por décadas para enriquecer nossa experiência cidadina caiu, ou melhor, derrubaram



Com a saúde bucal em primeiro lugar, o sorriso bonito é a recompensa.



CLÍNICO GERAL, CIRURGIA, DENTÍSTICA, DTM, ENDODONTIA, ORTODONTIA, PERÍODONTIA, PRÓTESE E ODONTOPEDIATRIA.

71 99610 9442

silvaniarochaodontologia

Responsável técnico: Silvânia Rocha - CROBA 14011

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Desconfie de tudo que você vê. Até sal parece açúcar.

Só os loucos sabem

O bom de ter mais de 40 anos é que fizemos coisas medonhas antes da invenção das redes sociais e, por isso, não existem provas.

Juninho

- Onde você estaria se fizesse tudo que tem vontade?
- Presa.

GNV

Me perguntaram se eu não fico triste vendo todas as minhas amigas casando. Eu disse que fico, mas que não sei como ajudá-las.

Guto

O médico me disse que só me restavam dois meses de vida. Aí eu matei o médico e o juiz me deu 30 anos. Se eu não reajo a tempo, tinha me ferrado.

Fausto Silva

Não julgue os outros só porque a forma deles pecarem é diferente da sua.

Noel

Tem muita testa oleosa por aí se achando uma mente brilhante.

Zema

Algumas pessoas são como vinho. Ficam melhor com uma rolha na boca.

Cecília

Fui ao oftalmologista e ele me mandou abrir o olho. Será que ele está sabendo de alguma coisa que eu não sei?

Dora

- Para que o sono não vença, coloque horários quebrados no despertador, ao invés de redondos. Essa tática dá a sensação de acordar com menos sono e vai te deixar mais disposto. Exemplo: ao invés de 5h10, coloque para despertar às 10h23.

Robertinha

- Meu corpo é uma máquina que transforma meu salário em dívidas.

Rodrigo

Hoje não temos citações motivacionais; se quiser desistir, desista

Zeca

Todo bolo é formigueiro se você for des-cuidado o suficiente.

Garota animada

Nunca vou entender a popularização do termo *ghosting* quando temos o maravilhoso deus perdido.

Ivan

O verão chegou em Salvador e me disseram que não deu pra quem quis no retorno do grande Gerônimo Santana, na escadaria do Paço. Lotado. Entupido. Não deu nem pra ver a ponta da pena que fica sobre os cabelos sedosos do autor de Jubiabá.

Mosquito venenoso

Festa de Halloween só podia ser coisa de gringo, que brasileiro ainda tem dinheiro dia 31? Mas, como a gente só quer uma desculpa para se fantasiar e beber cerveja, seja lá com qual dinheiro for, incluímos no calendário também.

Toinho

Quer testar sua paciência? Minha dica é fazer um passeio pela Juracy Magalhães, ali pertinho do BRT. É uma maravilha, aquela muvuca é quase uma prova de resistência do BBB!

Regina Jorge

Você não perdeu o ônibus, o ônibus que te perdeu, se valorize!

Kaka

O que um Dipirona 1g não fizer por você, ninguém mais é capaz de fazer.

Maria

Esse ano alcancei o equilíbrio entre o corpo e a mente. Os dois estão completamente exaustos. Não tem um pior do que o outro, não. Os dois estão arrastados, destruídos, devastados.

Flávia Vizinha

Eu sei que às vezes as coisas se complicam, mas lembre que sempre há um conforto para o coração: você não é um participante do reality A Fazenda. É um sopro de felicidade e alívio!

Prí

Menos de 100 dias para o carnaval, já está cedo para iniciar o esquentar?

Redação

Onda de calor não esqueça de beber água!

Jesus

Tudo tem seu lado bom na vida. Eu, por exemplo, nem precisei de fantasia para o halloween. Já sou uma morta viva.

Seu João

Neste feriado, muitos viajarão. Mas já dizia minha vó: boa romaria faz quem fica em sua casa em paz.

Menina do trânsito

Se você vem da Avenida Paralela e vai pegar o Viaduto Raul Seixas, nunca, em hipótese alguma, cometa o erro de usar as faixas 1 e 2. Prefira o acesso em frente à Rodovirária. Menina do trânsito para a Rádio Metropole.

Roger

É muito bom acordar cedo, porque dá mais tempo para se ferrar ao longo do dia.



OS SERVIÇOS QUE VOCÊ PRECISA, AS INFORMAÇÕES QUE VOCÊ PROCURA.

Agora você encontra os serviços do Governo, incluindo os serviços do SAC Digital e Detran, e todas as informações do estado juntos em um só lugar: uma plataforma mais moderna, mais completa e conectada com você.

Acesse e veja o que o Governo pode fazer por você hoje. Tamo junto e conectado.

ACESSE:

ba.gov.br



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code

GOVERNO DO ESTADO

